

NACIONALIDADE E NACIONALISMO

- Durante os anos que se convencionou chamar da 1ª República celebrávamos o Dia da Nacionalidade a 12 de Setembro (dia do nascimento de Amílcar Cabral) e o Dia dos Heróis Nacionais a 20 de Janeiro (dia do seu assassinato).
- O regime instituído em consequência das eleições pluripartidárias de 91 extinguiu o 12 de Setembro como Dia da Nacionalidade. Porém, o dia 20 de Janeiro manteve-se como o dia dos Heróis Nacionais, acrescentado agora de Dia da Nacionalidade.
- Creio assim que uma primeira constatação que podemos fazer será esta: Amílcar Cabral é incontestavelmente uma figura nacional que nenhum partido ou regime se permite pôr em causa. Isso porque tanto a primeira como a segunda República escolheram um seu aniversário para lembrar que deve haver um dia em cada ano em que devemos celebrar a nossa nacionalidade e os nossos heróis.
-
- Mas já que o dia de hoje é o dia dos heróis nacionais, e não apenas do herói nacional que é Amílcar Cabral, podemos também fazer uma segunda constatação, qual seja: para além de Cabral, há entre nós mais gente a merecer a designação de herói.
- Isso será tanto mais verdade quanto é certo que Cabral é honrado pelo facto da luta que dirigiu com vista à independência da Guiné e Cabo Verde. Mas sabe-se que ele não fez essa luta sozinho, mesmo nesta sala estão muitas pessoas que foram seus companheiros na longa gesta que foi a luta de libertação nacional.
-
- E então, uma outra pergunta que se pode fazer será esta: porquê essas pessoas não são heróis para nós?
- Seguramente que não é esta a primeira vez que tal pergunta está a ser posta. Certamente que todos estarão lembrados do dia 5 de Julho de há 2 anos, quando a Assembleia Nacional comemorou em sessão especial a passagem do 20º aniversário da independência de Cabo Verde. Creio que todos estarão de acordo que se há uma coisa que devia ser evidente era a presença, entre os representantes dos órgãos de soberania, de alguém que estivesse ali especialmente representando aqueles que, através da sua luta, tornaram possível essa independência.
- Foi, porém, em vão que se procurou esse representante, foi como se a independência tivesse caído do céu e a tivéssemos achado sem que ninguém tivesse tido que lutar por ela.
-
- Quando se pergunta, porquê essas pessoas que fizeram a luta de libertação não são heróis para o nosso povo, a resposta que normalmente se ouve é que infelizmente ninguém é profeta na sua terra, ou então porque eles têm o azar de ainda continuarem vivos.
-
- Bem, eu pretendo que para além dessas respostas singelas, há uma outra na qual raramente pensamos, e que é esta: eles não são heróis, melhor dizendo, ninguém é herói em Cabo Verde porque

nunca existiu, na nação caboverdiana, uma consciência nacionalista, essa força animica que faz com que os povos se sintam conscientes de um destino comum e que os faz orgulhar do que é seu e sentir como colectivas as vitórias e derrotas dos seus!

-

- Eu sei que dito desta forma brutal esta resposta tem todos os ingredientes de uma profunda heresia, e é quase um choque para todos aqueles, afinal todos nós!, que apresentamos a caboverdianidade como a grande bandeira que nos diferencia de todos os outros povos.

-

- É claro que de forma alguma pretendo pôr em dúvida a existência de uma nação caboverdiana ou mesmo da caboverdianidade.

- A caboverdianidade, como identidade histórico-cultural, é algo que está intrinsecamente ligado a nós, e talvez mesmo para além de nós; creio que, mais que uma ideia, a caboverdianidade é uma forma de estar no mundo que transportamos connosco para onde quer que a gente vá e vivemos onde quer que a gente esteja.

- E é por isso seguramente que não ocorre ao caboverdiano entrar em crise de identidade pelo facto de ser possuidor de 2 ou mais passaportes estrangeiros, porque tem sempre presente a funda consciência da sua pertença a estas ilhas.

- Lembro-me que nos idos de 74 fazíamos campanha na Boa Vista tentando mobilizar o pessoal para a independência. Mas depois apareceu um homem a estragar-nos o trabalho, argumentando que Cabo Verde não tinha condições para ser independente. Ele era da Boa Vista, antigo emigrante na América e acabámos descobrindo que também era naturalizado americano. Pensávamos ter descoberto um poderoso argumento contra ele, mas quando o acusámos disso ele riu-nos na cara: mais caboverdiano que qualquer de vocês, disse ele, acham que esse passaportim iria fazer-me deixar de ser do Rabil?

-

- Mas sendo verdade que a caboverdianidade existe, poderemos igualmente dizer que ela é identificável com uma ideia de nacionalidade? Dito doutro modo: o facto de nos assumirmos como donos de uma cultura, transforma-nos ao mesmo tempo em portadores de uma nacionalidade?

-

- Parece-me ainda que a resposta terá que ser sim, isto é, que a caboverdianidade é uma forma de afirmação da nossa nacionalidade. E isso será tanto mais verdade, quanto é certo que todos nós sempre estivemos de acordo que muito antes de sermos um Estado já éramos uma nação.

- E é certo que a nação caboverdiana é identificável até por pormenores muitas vezes mais intuitivos que conhecidos. Há tempos aconteceu-me entrar num hipermercado em Lisboa e ver uma jovem num daqueles balcões. Olhei para ela, parecia caboverdiana, mas havia uma pequena qualquer coisa muito subtil, não sei se era a expressão, se o sorriso, se o olhar... Você parece caboverdiana, disse-lhe, mas de facto é angolana. Ela sorriu: E como é que sabe? Não sei como sei, mas sei, respondi-lhe. Sou angolana, disse-me ela, mas toda a gente acha que sou caboverdiana, é a primeira vez que me dizem isso.

-
- Mas se é verdade que a nossa caboverdianidade e a nossa nacionalidade se confundem, será igualmente verdade que a caboverdianidade se identifica com esse outro conceito, muito mais forte e activo, e que é a ideia de nacionalismo?

- Perguntando de maneira mais directa: não obstante ter havido e continuar havendo muitos e bons nacionalistas em Cabo Verde, será o povo caboverdiano em si um povo nacionalista?

-
- Já vimos qual é o conceito de nacionalismo: a consciencia que os povos têm do seu destino comum, a motivação profunda que os leva a perseguir interesses que em cada momento definem como colectivos.

- Mário de Andrade, cujo livro, "Origens do Nacionalismo Africano" foi ontem lançado entre nós, refere para o nacionalismo a definição do francês René Gallissot para quem o nacionalismo mais não é que a vontade de uma colectividade de criar e desenvolver o seu próprio Estado soberano ao ter tomado consciência da sua individualidade histórica.

-
- Mas antes de mais, é importante referir que o nacionalismo é um conceito que ao longo da história tem sofrido muitos altos e baixos e conforme as épocas assim também vem merecendo favor ou reprovação.

- Neste momento não sei como estão as coisas para os nacionalistas, mas é muito natural que, com essa nova onda que se transformou em moda e que se chama globalização, inserção a todo o custo na economia mundial, etc, é natural, dizia, que os defensores da globalização vejam com maus olhos tudo que possa cheirar a ideias nacionalistas.

- E é curioso como, com uma ingenuidade que chega a ser criminosa, defendem, como se pudesse ser verdade, que já é um facto que o mundo é uma aldeia, pelo que fica indiferente estar-se em Cabo Verde ou na Africa do Sul, ou nos Estados Unidos ou na Europa. E fingem-se esquecidos do pormenor relativamente insignificante que é o facto de os estrangeiros entrarem em Cabo Verde como se fôssemos o quintal da sua casa, enquanto que nós temos que pedinchar para obter um visto para entrar nos seus países.

-
- É verdade que como ideologia o nacionalismo pode ser um perigo. E nem precisaríamos recuar muito na história para vermos que foi em nome de uma ideologia nacionalista que Franco encabeçou a guerra civil de Espanha ainda há 60 nos, que foi em nome do nacionalismo que a Alemanha e a Itália partiram para as duas grandes guerras que assolaram o mundo e que é também em nome dos nacionalismos que os Balcãs continuam sendo devastados por uma guerra de inexplicável crueldade.

-
- Mas há nacionalismo e há de 1940 a 1960, 29 Estados de Africa conquistaram a independencia.

-
-

- Ora se perguntarmos as causas que levaram a esse surto nacionalista em toda a África Negra, só encontramos uma resposta: a opressão colonialista!
- Porque o colonialismo, quer praticado pelos ingleses, pelos franceses, pelos belgas ou pelos portugueses, tendia sempre ao mesmo resultado: explorar! E se para explorar as riquezas desses países precisava oprimir os seus povos, humilhar as suas elites, então oprimia e humilhava.
- Mas é uma regra da dialéctica que não há sim que não contenha o seu não. E os colonizadores todos eles, conquanto mantivessem a prática da opressão que ia desde o trabalho forçado até ao chicote, com o argumento singelo de que todo o indígena válido tinha o dever de prover ao seu sustento através do trabalho, defendiam também princípios teóricos de grande profundidade.
- Por exemplo os franceses: Em nome das ideias que tinham enformado a Grande Revolução, quais sejam a Liberdade, a Igualdade, a Fraternidade, tinham inscrito na primeira Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão que todos os homens são iguais por natureza e perante a lei.
-
- Claro que entre os homens iguais por natureza e perante a lei, os autores da Grande Declaração não incluíam nem todos os franceses, quanto mais todos os povos, quanto mais os pretos da selvagem África. E daí que a célebre qualidade de cidadão, orgulhosa conquista dos franceses logo nos primeiros tempos da sua Revolução, e que se contrapunha à odiosa condição de súbdito, tivesse levado muitos e muitos anos a ser estendida aos africanos colonizados que apenas mereciam a designação de indígenas.
- Aliás e a propósito do indigenato, o filósofo francês JP Sartre, escreveu certa vez com alguma ironia que quando os europeus dos finais do séc XIX resolveram apoderar-se da África, deparou-se-lhes à chegada um problema de difícil solução: Se considerassem os africanos como homens, os princípios de cultura e civilização cristã que condenavam a escravatura, o trabalho forçado e todas as outras formas de sujeição do homem pelo homem, não lhes permitiria explorá-los como precisavam; mas também, se os considerassem como bestas, não poderiam exigir deles aquela mediana inteligência que era preciso para o desempenho de determinadas tarefas. Optaram assim pela designação de indígena, considerando que indígena é qualquer coisa que fica entre meio-homem meio-besta e permitiu sem remorsos o cortejo de desventuras que a África conheceu às mãos europeias.
-
- Mas entre as contradições internas que o colonialismo sempre teve, passou a haver mais uma após a 2ª Guerra Mundial. É que a participação dos povos dominados no esforço da guerra não foi nem pequena nem desprezível. Pelo contrário, todos eles combateram ao lado do seu colonizador. E viram como o homem branco morria da mesma maneira que eles, viam como ele sofria como os outros e até chorava. O mito da superioridade do colonizador foi todos os dias posto em causa. E após o termo da guerra, as ideias de desigualdade entre colono e colonizado começaram a ficar insustentáveis.
-
- Começou-se pela abolição do estatuto do indigenato e conseqüente afirmação da igualdade dos povos. Porém, se os povos eram iguais, disseram os nacionalistas africanos, então nada justificava a colonização e impunha-se ir até ao fim nesse princípio.

- Mas mesmo assim, foi arduo o caminho que conduziu à independência da África Negra.
- Nessa conquista, a par das movimentações estudantis, do profundo trabalho das diversas igrejas e depois dos partidos políticos, houve duas categorias sociais que se distinguiram particularmente: os sindicatos e os intelectuais! De facto eles são considerados os principais motores da vitória dos seus povos e é verdade que a par de um sindicalismo nacionalista militante, a África teve nessa época um escol intelectual de primeira água que sobretudo teve o mérito de fazer com que o homem africano se orgulhasse da sua cultura. E foi esse orgulho que despoletou a vaga nacionalista que levaria de vencida a bem ou mal ingleses, franceses, belgas, alemães, italianos e muitos anos mais tarde também os portugueses, numa guerra que durou perto de 15 anos.
-
- Fiz essa incursão relativamente longa em território continental africano, porque é bem verdade que o seu processo de descolonização diferiu substancialmente do nosso. Porque quando verificamos o caminho que os povos do continente africano tiveram que percorrer para chegar à independência, as lutas que tiveram que travar, temos que concordar que, ao contrário de todos eles, o povo de Cabo Verde como que recebeu de bandeja a dádiva da independência.
- Enquanto que em toda a África Negra dominada pelo colonialismo a pouco e pouco passava a existir uma elite que durante anos foi criando e reforçando uma consciência nacional e nacionalista no seio do povo, e de tal forma que num certo momento da história a independência passa a ser um acontecimento inelutável, para o povo de Cabo Verde as coisas passam-se de modo bastante diferente. Com efeito, da luta armada que se trava na Guiné tem-se aqui uma ideia bastante ténue; e, por razões óbvias, o trabalho dos militantes na clandestinidade atinge uma fracção pequena da população. Mas dá-se o 25 de Abril e a luta pela independência começa-se quase toda a fazer-se nos gabinetes, o povo nunca teve que jogar o peso da sua força para a conquistar.
- Ora tudo isso não foi de molde a contribuir para a criação de uma consciência nacionalista colectiva e é natural que essa ausência não seja estranha ao facto de, excepção feita a Cabral, não vermos como heróis nacionais os fautores da independência nacional. E no entanto creio que bem mereceram essa glória.
-
- No ano passado, mais ou menos por esta altura, foi publicado um livro, escrito por um jornalista caboverdiano, e que é a história dos homens e mulheres que abraçaram a causa da independência nacional e ao serviço dessa causa puseram as suas vidas. Trata-se do livro de José Vicente Lopes "Cabo Verde, os bastidores da independência".
- Tenho para mim que esse belíssimo livro conta-nos uma epopeia. Sobretudo porque nem o seu autor nem as pessoas nele envolvidas quiseram que ele se transformasse numa epopeia.
- Mas o certo é que mostra a luta de libertação nacional como uma gesta incontestavelmente grandiosa. E tem o mérito suplementar de nos lembrar a necessidade instantânea de preservarmos a memória. Tanto a nossa própria memória como a memória colectiva.
- Creio que a grande maioria de nós está de acordo em afirmar que a independência foi das coisas mais importantes acontecidas nas nossas vidas.

- E no entanto, muitas vezes tendemos a esquecer que 5 de Julho de 1975 foi o culminar de um processo. Um processo que durou 13 anos e que envolveu milhares de pessoas. Muitas ficaram pelo caminho, outras desanimaram e abandonaram a meio. Terá havido muitos momentos de grande desânimo, com incompreensões, intrigas e traições, mas também é verdade que na maioria deles houve perseverança, houve o acreditar num projecto, e a verdade é que há 20 anos que somos um país independente.

- Assim, esse livro do José Vicente Lopes veio lembrar-nos que há muita gente nesta terra de que nos devemos orgulhar. Que se é verdade que devemos venerar Amílcar Cabral como o cérebro que concebeu e conduziu a luta pela nossa independência, também é verdade que ao lado dele, na frente e na retaguarda, estiveram muitos outros homens que se sacrificaram para que ela fosse possível.

- Muitos de nós fomos obrigados a fazer a guerra colonial ao lado dos portugueses por pura impossibilidade de meios de fuga. Mas a verdade é que muitos outros conseguiram fugir e fazer a luta e esses merecem o nosso respeito, o respeito deste país, porque, queiramos ou não, eles são referências da nação caboverdeana.

- Porque esta é a única verdade: Não haveria independência se não tivesse existido o PAIGC. Ignorar essa realidade é escamotear a História, é omitir importantes pontos de referência a um povo, a gerações que só poderão reconhecer-se, se poderem orgulhar-se da História do seu país.

- Assim, queiramos ou não, estejamos de acordo ou não, há uma verdade contra a qual nada podemos fazer: Os homens que fizeram a luta de libertação nacional, os homens que se juntaram à volta do ideal representado pelo PAIGC, são objectivamente heróis deste país.

- Mas será que toda a nação caboverdeana os reconhece como nossos heróis? O feito pelo qual lutaram, a independência nacional, era, foi em algum momento dado, ou passou a ser, um designio nacional? O chamado espírito de Bandung de que expressamente se faz referência no texto de Declaração da Independência de Cabo Verde como tendo impregnado as gerações da luta armada, fazendo-as compreender que o problema da miséria e do atraso social das ilhas de Cabo Verde reconduzia-se a um problema político que passava pela independência, esse espírito tinha também impregnado o povo das ilhas, transformando-se numa motivação colectiva?

- É um facto histórico que a independência foi votada favoravelmente por cerca de 80% dos caboverdianos. Mas terá de facto esse voto significado a escolha livre de um destino e das suas consequências? Terá a independência significado a quebra das cadeias da subjugação colonial, ou antes foi apenas o resultado de um período de euforia?

- É que enquanto que toda a África Negra era levada ao processo de independência como negação e combate à exploração das suas riquezas e dos seus povos, Cabo Verde, talvez pela originalidade e especificidade da sua colonização, via as coisas de modo muito diferente. E, no geral, a sua intelectualidade, traduzindo as aspirações da população, desejava apenas uma coisa: ser considerada igual aos portugueses! Nesse seu livro, *As Origens do Nacionalismo Africano*, Mário de Andrade cita diversos excertos de intelectuais caboverdianos individualmente ou em revistas e jornais, para concluir que os seus temas dominantes eram "a reclamação igualitária na aplicação das leis e no acesso às funções públicas, a instrução popular, o apelo à solução de problemas económicos concretos do

comércio, agricultura, secas e crises". E quem conhece a História de Cabo Verde, dramática desde o seu início, não estranhará que tenha sido assim.

- Mas é precisamente esse povo que apenas vem aspirando à solução dos seus problemas do dia-a-dia, apenas preocupado em não se deixar morrer à fome, que de repente é confrontado com a ideia de brevemente poder ser independente. E nem há tempo para pensar. Em termos estritamente políticos nenhum momento pode ser melhor, há que aproveitá-lo. Para a população em geral, e após um breve período de hesitação, há o atirar-se de cabeça, é difícil ficar-se pior do que antes e a independência só pode significar o fim da miséria, das crises, das secas, das mortes pela fome, o início de um período de abundância, de paz e prosperidade para todos os filhos das ilhas, como é referido no texto da Proclamação da Independência.

-

-

- E é bem verdade que a independência significou o início de uma revolução em Cabo Verde. Uma revolução que certamente teria tido uma diferente dimensão nacional humana e social se a força política que a impulsionou tivesse compreendido a tempo que dirigia um povo que não obstante ser capaz de esporadicamente adoptar posições tendentes a modificar completamente o rumo da sua vida, continua sendo um povo que as carências de toda a ordem que lhe impõe uma terra madrastra, que os sacrifícios em que sempre viveu, tornaram imediatista, individualista, egoísta, dissimulado e que não se sente parte nem sente como seu, seja o que for que seja colectivo. Não se compreendeu que esse povo não estava preparado para a espera de conquistas a longo prazo.

- Creio não errar se disser que entre as decisões de facto importantes, mas assumidas com ligeireza por nós caboverdianos, devem ser contadas as eleições para a independência em 75 e depois as eleições de 13 de Janeiro de 1991. Tenho para mim que essas duas datas funcionam como verdadeiros marcos: a primeira como a vitória da revolução caboverdiana, a 2ª como a vitória da reacção a essa revolução, 15 anos depois.

- Porque, infelizmente, valores como respeito, dignidade, orgulho, não vão para a panela. O povo tinha votado a independência, apostando numa vida melhor, com mais trabalho, mais saúde, ou ao menos com uma maior possibilidade de emigrar em busca dessas coisas.

- É um facto que 13 de Janeiro de 1991 revelou-se primeiro nas urnas como a negação do partido que levou Cabo Verde à independência, e depois, em termos de prática política, como a negação de todas as conquistas da independência, quais sejam o orgulho nacional, a afirmação da dignidade de um país que não obstante reconhecidamente pequeno e pobre, tinha conquistado um grande respeito na cena internacional.

-

- Hoje não tenho dúvidas em afirmar que a frustração acumulada a partir de 1975 contra o PAIGC pela não satisfação imediata dessas necessidades foi descarregada nas urnas em 1991. Estou convencido que esse partido foi gravemente penalizado, muito especialmente pelo facto de estar na origem da independência em 1975.

-
- Porque se é verdade que a independência trouxe imenso em termos da nossa afirmação no mundo, também é verdade que não trouxe significativas melhorias de qualidade de vida para a população em geral. E essa população, por si só, não estava em condições de acompanhar e compreender o que significou o esforço de criação do Estado de Cabo Verde a que paulatinamente se ia procedendo, sentir isso como obra sua e, opondo-o à humilhação que tinha sido o colonialismo, orgulhar-se desse feito.

- Porque, por ideologia ou simplesmente pela consciência de que um Estado como o de Cabo Verde está, por efeito de uma natureza cruel, condenado a ter que ser um Estado-Providência, começou-se a criar à volta desse Estado um património que podíamos legitimamente aplaudir e dizer que em 15 anos o Estado de Cabo Verde tinha conseguido erguer um capital capaz de dar segurança ao seu povo. E mesmo parafrasear o poeta Ovídio Maetins: as estiagens já não nos metem medo.

- Mas infelizmente em Cabo Verde tudo chega tarde e a más horas. O 13 de Janeiro de 91 chegou quando já eram tardios os princípios do liberalismo económico. E quando começou a ser praticado entre nós a sua bondade já estava posta em causa pela evidente desumanidade que o acompanha, pelo cortejo de desemprego e miséria que lhe está associado, porque já era verdade e é verdade, como todos os dias estamos vendo entre nós, que os ricos estão cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres.

- Aceitava-se, porém, que, sem se demitir das suas responsabilidades, em muitas coisas o Estado devia deixar espaço aos privados, ocupando-se apenas das grandes questões que eram estratégicas e fundamentais a nível nacional.

-
- O quê que ficou então faltando nessa disposição e acabou fazendo com que 13 de Janeiro de 1991 viesse a revelar-se como uma reacção política a 5 de Julho de 1975? Primeiro que tudo, creio que faltou sobretudo um espírito de humildade perante a vitória. Depois, faltou em absoluto o espírito de pertença a este povo irremediavelmente ligado a este chão, o espírito de que, ainda que sob formas novas, mais não se poderia estar a fazer que continuar uma obra que vinha de trás, em suma, o espírito nacionalista.

- É que infelizmente esse espírito nacionalista não é um dado adquirido a nível nacional, sequer ao nível daqueles que se viram alcandorados à posição de dirigentes do país. E assim, ao mesmo tempo que se repetia até à exaustão o slogan de que o único valor de Cabo Verde é o seu homem, esquecia-se que Cabo Verde existe porque nós homens caboverdianos existimos.

- E em vez de nos orgulharmos do que se tinha feito a partir de 1975 como obra de caboverdianos e procurar continuá-la, o que fizemos foi expressa ou tacitamente condenar essa obra como se tivessem sido estrangeiros a ocupar-nos durante 15 anos. Foi como se a palavra d'ordem tivesse sido "desmantelar", não deixar pedra sobre pedra.

- E entre outros erros de maior ou menor monta, não se viu que a liberalização da economia em Cabo Verde apenas poderia significar a liberalização da importação, porque pouco ou nada tínhamos a exportar.

- Porém, nas primeiras privatizações de bens do Estado ainda se teve o bom senso de privilegiar os nacionais caboverdianos. Mas a seguir, e sobretudo pela falta de um projecto nacional que também fosse nacionalista, depressa e com leviandade, os responsáveis por este país decidiram que, ainda que nas mãos de estrangeiros, esses bens continuavam em Cabo Verde, ninguém os arrancava pela raiz para os levar da nossa terra. E amparados por esse raciocínio começamos a vender e a consumir. Consumimos as reservas cambiais do país, consumimos tudo que amealhámos com as privatizações, e neste momento já entramos numa fase que, mal comparado, se poderia qualificar de liquidação, embora sem qualquer ideia de mudança de ramo porque não há mais para onde virar.
- Tudo isso está a passar-se diante dos nossos olhos. Pertencemos a um povo politicamente ignorante e que por isso mesmo deu o seu voto a um partido que pratica uma política em que o mais penalizado é precisamente esse povo. Ora esse facto deveria dar-nos um maior sentido de responsabilidade na assunção do dever patriótico de denuncia desse verdadeiro logro em que o país está a viver.
- Mas não. Continuamos a assistir impávidos e serenos a essa verdadeira ruína nacional, apenas preocupados cada um em arranjar e garantir o seu tacinho, cada um fechado na sua concha. Ora creio que tudo isso é possível porque o caboverdiano não é um povo nacionalista. Cabo Verde, tem muitas pessoas nacionalistas, mas não é em si um país nacionalista. E é precisamente por isso que nos deixamos seduzir pelas ideias, que não pela prática, daqueles que neste momento mandam no mundo. E é por isso que os nossos dirigentes abjuram o nacionalismo, abraçam o liberalismo económico e acreditam na globalização, na inserção a que chamam de "dinâmica", sabe-se lá porquê, de Cabo Verde na economia mundial, recusando reparar que mais não fazem que papaguear palavras porque o conteúdo, esse, pertence a outros que não a nós.
-
- Ter é ser, diz-se. Ter país, ter nação, ter família, ter nacionalidade, deveria obrigar a ser-se nacionalista.
- A poderosa América é uma grande nação, sobretudo porque acima de tudo é um país nacionalista. Ora num país com as dimensões e o grau de pobreza de Cabo Verde, ser-se nacionalista é um dever de patriotismo, se de facto queremos ter um país para todos nós.
- E a alternativa a essa necessidade de nacionalismo, a esse apego ao que é nosso, é ficarmos condenados a eternamente andarmos com a caboverdianidade às costas, recriando-a em cada esquina do mundo em que paramos para descansar.
- Germano Almeida